

De olhos bem fechados - Uma aula de amor¹

Uma interpretação pela Psicologia Simbólica

Direção Stanley Kubrick

Carlos Amadeu Botelho Byington²

Stanley Kubrick é um cineasta da maior importância. Seu filme *De olhos bem fechados* gerou uma grande expectativa, em parte por ter sido o último de sua brilhante carreira e incluir uma espécie de “recomendação final” para a sociedade americana. Naturalmente também, a escolha do glamuroso casal na vida real, Tom Cruise e Nicole Kidman, para protagonizar a história, contribuiu muito para intensificar a curiosidade de todos, o que foi bastante explorado tanto pela imprensa quanto pelo *marketing* do filme.

Jung formulou o conceito de Self como a totalidade da Psique consciente e inconsciente do indivíduo. Ampliei este conceito de Self para todas as dimensões de totalidade, do átomo ao Cosmos. Denominei Arquétipo Central o principal dos arquétipos, que se situa no sistema neuroendócrino e estrutura a Consciência para perceber a totalidade dos fenômenos. Assim, podemos nos referir às várias formas de totalidade, como o Self Atômico, Self Pedagógico (tal como se manifesta em uma escola), Self Terapêutico, Self Conjugal, Self Familiar, Self Cultural – a manifestação do Self na sociedade –, Self Planetário e Self Cósmico, tanto quanto Jung o fez ao Self Individual na descrição do processo de individuação. A referência às várias dimensões humanas que expressam a totalidade só é possível quando admitimos o funcionamento do Arquétipo Central no sistema neuroendócrino, pois é isso que nos permite reunir as partes de um sistema qualquer em função dos seus significados. Neste caso, as partes tornam-se símbolos estruturantes da representação da totalidade em nossa Consciência, veiculados por funções estruturantes.

No caso do filme, temos inúmeros símbolos estruturantes do casamento, da família e da sociedade sendo elaborados pela função estruturante do amor.

A resistência das neurociências em pesquisar a existência do Arquétipo Central no corpo humano deve-se ao fato de a imagem de Deus expressar esse arquétipo nas

¹ Palestra realizada na SBPA-SP em 21 de março de 2001. Texto revisado e ampliado para o Seminário sobre Psicopatologia Simbólica para a 6ª turma do Curso de Formação de Analista da SBPA-SP. 01 de outubro de 2003.

² Médico Psiquiatra e Analista Junguiano. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Membro da Associação Internacional de Psicologia Analítica. Educador, historiador e criador da Psicologia Simbólica Junguiana. E-mail: c.byington@uol.com.br, site: www.carlosbyington.com.br

religiões de todas as culturas. Assim, descobrir o Arquétipo Central no sistema nervoso é para a Ciência constatar a realidade anatomofisiológica da transcendência e da fé, o que desperta muita resistência no pensamento agnóstico e materialista que orienta o pensamento de muitos cientistas dentro da dissociação subjetivo-objetivo que ainda nos aflige.

Kubrick é um importante símbolo estruturante criativo emergente do Self Cultural americano na dimensão da arte cinematográfica. Por isso, fiquei bastante curioso em saber que mensagem ele teria a oferecer, no final de sua vida, à sua cultura. O título escolhido para o filme já me intrigou bastante. *De Olhos Bem Fechados*, antítese da expressão usual “de olhos bem abertos”, desperta a pergunta: bem fechados a quê? Ao longo do filme percebemos que os olhos estão bem fechados ao amor, ao amor conjugal no seu contexto social americano e novaiorquino.

Para a sociedade americana, era natural esperar que o último filme de Kubrick fosse apoteótico, a exemplo de *2001*, que retratou a tecnologia irrompendo na civilização e viajando em direção ao seu clímax em Júpiter. É bem verdade que durante *A Odisséia no Espaço*, que significa o desenvolvimento tecnológico da humanidade, o computador HAL, representante do racionalismo que pretende controlar o todo, torna-se maligno e deve ser desligado. Mas a grande viagem prossegue em direção a Júpiter, diferentemente do que acontecerá na abertura dos olhos bem fechados. O título do filme sugere uma espécie de anticlímax. Por que teria ele feito esta escolha, a de expor o “fechado”, o defensivo, o limitado, o inconsciente como última mensagem de sua vida?

Assistimos à charmosa Alice (Nicole Kidman), casada com o jovem e brilhante Doutor Bill Harford (Tom Cruise), graduado em Harvard, que formam o protótipo do casal ideal, chegando ao final de dez anos de casamento no filme e na vida real. Sentimos, de imediato, uma grande tensão entre eles. Alice está com problemas e Bill não a compreende. Para ele não há problema algum, ele é o retrato perfeito do americano bem-sucedido! Ele é o máximo! Como é possível que ela tenha problemas, se está casada com ele?

Logo nas primeiras cenas vemos que Helen, a filha única do casal, cresceu. Seus sete anos de idade lhe garantem uma certa independência, o que significa que o papel de mãe não é mais suficiente para Alice. Depois de alguns minutos de filme, Alice e Bill saem de casa, envoltos num certo estranhamento, rumo a uma grande recepção. Quem oferece a festa? Victor Ziegler, um milionário, cliente do jovem doutor, que recebe os convidados com sua linda esposa Ilona a tiracolo. Ao longo da festa, apreendemos que Alice está

desempregada, o que explica em parte sua vivência de insucesso e frustração, sobretudo diante do sucesso do marido.

O casal está num impasse. Ele não vê, em absoluto, a problemática da esposa, e ela, sentindo-se incompreendida, sofre também de solidão. Estamos diante do que poderia ser classificado como um “casal maravilha”, cujo marido bem-sucedido está lado a lado com uma esposa em alto grau de frustração, desempregada, sem carreira e sem comunicação com ele. Um quadro muito tenso, muito preocupante, sobretudo depois de dez anos de casamento. Surge então a pergunta: como é que eles vão lidar com isso? Qual será a abertura, dentro do amor conjugal, para a interação entre o sucesso e a frustração, entre quem está “por baixo” e quem está “por cima”, entre quem está feliz e quem está infeliz? Como isto será elaborado pelo casal ao longo do filme?

Nesta segunda seqüência, na qual a câmara se desloca da vida familiar para a vida social, observamos como este casal se insere na sociedade. A recepção com que nos deparamos é muito sofisticada, diversas bebidas estão à disposição de todos, modelos desfilam pelos salões entre *socialites* e muita paquera... Kubrick é generoso nos ambientes que retrata, todos requintados, luxuosos, exalando luxo e sucesso, nos quais as pessoas usufruem livremente de todos os prazeres. Estamos no topo da pirâmide da sociedade capitalista, consumista, na qual as pessoas querem ser vistas e onde o oxigênio da vida é o *status*, o sucesso, a sedução e o narcisismo, acompanhados freqüentemente pela prostituição do corpo e, ainda em maior grau, da alma.

Passamos do Self Conjugal para o Self Social. Qual a solução que o Self Social oferece, neste caso? Muito *glamour* e criatividade, uma fabulosa possibilidade de enriquecimento material, usufruto da liberdade sexual por homens e mulheres, privilégios duramente conquistados e nem sempre vivenciados de forma criativa e saudável...

Introduz-se o personagem de nacionalidade húngara Sandor Szabo. Ele tem por volta de 50 anos, muito charme, inteligência e personalidade. Típico D. Juan, consumista de belas mulheres. Impressionado com a beleza de Alice, já um pouco embriagada reconhece nela uma presa tentadora. Tira-a para dançar e convida-a para conhecer a fabulosa coleção de esculturas do dono da casa, exposta no segundo andar. É neste mesmo segundo andar que o patrocinador da festa se diverte com sua amante Mandy, drogada, deixando sua esposa com os convidados, no primeiro andar. Constatamos assim a irrestrita disponibilidade de muitas pessoas e casais. O sexo e a droga tornaram-se algo espontâneo, imediato, disponível para todos. Sinal dos tempos. Luxúria do primeiro mundo, compatível com a hegemonia capitalista dos G7.

Enquanto se deixa seduzir por Sandor, Alice vê o marido, ao lado de duas modelos, duas belas mulheres, desaparecer no fundo do salão. Bill ausenta-se por um certo tempo, mas ao contrário do que supõe Alice, ausenta-se em função de um chamado de Victor, o anfitrião, desnortado com a súbita *overdose* de Mandy, vítima de uma crise circulatória, em estado de choque por queda de pressão. Harford consegue tirá-la do perigo iminente e volta ao salão principal, onde reencontra Alice, com quem volta para casa.

O quadro é muito claro. Estamos diante de uma sociedade que elegeu valores exclusivamente sensuais, de *status* e poder e onde não se encontra o amor buscado pelo casal. Em suma, essa sociedade não tem a oferecer o que eles necessitam e, assim, voltam para casa numa situação mais difícil do que aquela em que se encontravam quando partiram. Bill percebera o comportamento de Alice, que se deixara abraçar e paquerar, e Alice ficara convencida de que o marido subira para divertir-se sexualmente com as duas modelos. A volta para casa insere-se, assim, na possibilidade do adultério como solução para a desvitalização do amor conjugal. A dificuldade de perceber e elaborar criativamente suas frustrações impelira o casal a explorar o mundo exterior, uma festa que reunira a nata da sociedade, e o que ela lhes oferece. Em suma, vivências sensuais, materialistas, superficiais, extrovertidas, que em nada favoreceram o aprofundamento da relação. Com isso, os olhos se fecham ainda mais. Este casal, que fundamentalmente se ama, não sabe como aprofundar a experiência de amar. Não sabe como propiciar uma auto-compreensão profunda, uma intimização, uma abertura, um diálogo diante da frustração conjugal. Não está preparado para isso nem social nem individualmente. A frustração continua, pois Bill se mostra insensível às dificuldades de Alice e incapaz de compreendê-la.

Uma vez em casa, depois de fumar um cigarro de maconha, Alice tenta descobrir se Bill realmente teve relações com as duas modelos. Bill nega, e começa a fazer um esboço reduutivo, estereotipado e machista da Psique feminina, afirmando que as mulheres estão apenas interessadas em segurança e engajamento. Chocada e indignada, Alice resolve inquiri-lo sobre “a natureza da Psique do homem e da mulher”. Radicaliza e pergunta o que ele sente ao apalpar os seios de suas pacientes, no consultório, e o que ele supõe que suas pacientes imaginam enquanto o “doutor” as examina.

O que Alice está tentando fazer? Convencê-lo de que a vida íntima é muito mais complicada do que a realidade aparente e objetiva, tanto na Psique do homem quanto na da mulher. A fantasia revela a complexidade da alma e é indispensável para a vivência da intimidade. Ela tenta mostrar-lhe a dificuldade de amar que um ser humano pode

experimental, devido à complexidade da vida íntima. Mas ele recusa a se expor à realidade da fantasia, e diz que quando está diante dos belos seios de uma paciente nua, “vê apenas a paciente”. Bill identifica-se defensiva e simploriamente com a Persona do médico e, por isso, mostra-se impossibilitado de se abrir para conhecer a totalidade do ser humano, que somente se revela no labirinto da alma. Embora, ou talvez mesmo porque esteja casada com um homem no auge de seu sucesso profissional, Alice sofre muito, imersa que está em fantasmas de fracasso e na frustração por não poder aprofundar o seu amor. Kubrick bem demonstra que para amar é preciso muito mais do que *status* social. A alma é profunda e complexa, e a fantasia é a grande porta que abre o seu mistério. Contudo, emparedado no narcisismo do sucesso, Bill atém-se ao literal: “sou médico, sou casado, sou feliz, essa é a verdade do amor e eu a conheço”. Alice esforça-se para abri-lo para a realidade psicológica, como se quisesse dizer: “estou profundamente infeliz, estou asfixiada, perceba-me, ajude-me, estou afundando”. Tudo em vão.

A afetividade diz sim e a agressividade diz não. Ambas são necessárias para a vida e para o amor. Assim, a fonte da agressividade é a frustração que mostra o descontentamento e possibilita a mobilização de forças criativas contrárias ao *status quo*. Diante da percepção limitada de Bill, Alice entra em ansiedade, e provavelmente potencializada pela maconha, começa a rir histericamente. Sentimos que, devido à sua frustração e à sua dor não acolhidas, sua agressividade foi desencadeada e está prestes a se exteriorizar. Porém, devido à falta de modelo e de conhecimento para elaborar criativamente sua frustração conjugal, essa agressividade se manifestará de forma distorcida, pela Sombra. Seu riso histérico indica que a emoção se manifestará defensivamente, de forma inadequada, “abrindo um esgoto no meio da sala”, por assim dizer. Ela ri nervosamente, enquanto Bill continua completamente insensível, incapaz de empatizar seu sofrimento e de pressentir o que virá. Ele está sintonizado unicamente com o mundo do sucesso, maravilhado consigo mesmo, incapaz de qualquer alteridade.

A comunicação da frustração vem pelo ataque súbito e instantâneo, como o bote de uma víbora. A agressividade veste a roupa venenosa do adultério. Mas Alice utilizará um tipo de adultério inusitado, terrível e muito sofisticado do ponto de vista psicológico, pois o ataque se dá dentro da dimensão da fantasia.

Compreenderemos melhor em que consiste essa sofisticação da agressividade se a amplificarmos com a evolução do misticismo cristão. Pela tradição do direito romano, a noção de crime se restringia à conduta e à fala. Todo cidadão era responsável pelo que fazia e pelo que falava. Ao longo dos mil anos de Idade Média, a vida no interior dos

monastérios aprimorou a percepção da realidade psíquica, e através de incontáveis “exames de consciência”, ampliou a noção de alma e de pecado, nela incluindo também o pensamento e, com ele, a imaginação. O conhecimento da alma expandiu-se, abarcando o que se faz, o que se diz, e incluindo também o que se pensa, podendo este alçar vôo nas asas da fantasia. Esta contribuição do misticismo cristão à Psicologia constituiu uma verdadeira mudança de paradigma, cujas conseqüências se manifestaram em todos os campos do humanismo.

A abertura para o estudo da fantasia foi a pedra angular da Psicologia científica moderna, embora tenha sido reduzida e ofuscada pela descoberta das defesas e do inconsciente reprimido, por Freud. No famoso caso de Ana O., estudado por Freud e Breuer, a revelação de um inconsciente reprimido, por si só, foi uma imensa descoberta, mas não foi tudo. Anna O. era uma jovem de vinte anos, muito culta, rica e inteligente que, após a morte de seu pai, adoeceu de uma histeria psicótica. Um de seus sintomas era a hidrofobia, que a obrigava a ingerir somente sucos de frutas. Joseph Breuer, famoso clínico de Viena, passou a hipnotizá-la para diminuir seus inúmeros sintomas. Inteligentemente, Anna chamava essas sessões de “limpeza de chaminé” (*chimney sweeping*) e de fala curativa (*talking cure*). Em uma destas sessões, surgiu a imagem do cachorrinho Pincher de sua odiada governanta, em pé numa cadeira, bebendo de um copo de água em cima da mesa. Ao “despertar”, a hidrofobia desaparecera. Anna O. lembrou-se então que havia visto esta cena antes de o sintoma aparecer, mas que depois a havia esquecido.

A descoberta inspirada por este caso não se resume à existência de um inconsciente reprimido, pois a fantasia consciente e inconsciente se descortina diante de nossos olhos, como um agente da maior importância na geração de sintomas na doença mental. A cena fora reprimida e gerara o sintoma, mas a função que empregara a cena para formar o sintoma havia sido a fantasia. Foi como se dissesse: – “Minha raiva da governanta somou-se ao nojo do seu cachorrinho bebendo água num copo no qual eu também bebo água. Com o sintoma da hidrofobia expressarei a raiva que sinto dela e o nojo que tenho dele”. Assim, é imprescindível admitir que a função da fantasia empregou o consciente e o inconsciente reprimido para fabricar o sintoma. O mesmo acontece com qualquer sintoma neurótico.

Posteriormente, Freud descobriu que a sexualidade reprimida não era necessariamente a sexualidade objetivamente vivenciada, mas podia ser também a sexualidade imaginada. Poderíamos afirmar que a Psicologia Moderna foi fundada quando se desnudou a criatividade da fantasia consciente e inconsciente, capaz de

fabricar não só sintomas (Freud), mas também mitos, religiões e obras de arte (Jung), enfim, toda a criatividade humana. Desta maneira, é inevitável concluir que a Psicologia Moderna foi construída sobre a descoberta da função criativa da imaginação.

No filme, a fantasia é a arma magistralmente utilizada pela agressividade de Alice. Ela não cometerá adultério nem confessará que o cometeu. Em vez disso, colocará uma fantasia de adultério dentro da alma do marido, introduzindo com ela o escorpião do ciúme. Este escorpião atravessará o cerco da defesa narcísica, caracterizada pela auto-idolatria do médico bem-sucedido, incapaz de sequer aproximar-se do que o sofrimento subjetivo contém de sombrio e de complexo, e passará a a ferroá-lo impiedosamente, dia e noite. Ela o arranca impiedosamente do sonho dourado em que vive para atirá-lo no mundo do desamor e frustração que a atormenta. A partir deste momento, desencadeia-se no Dr. Harford uma fantasia de caráter destrutivo, um verdadeiro ritual interno sadomasoquista. Sua incapacidade de vivenciar a fantasia criativa transforma-o numa presa fácil da fantasia sombria.

Ela lhe conta uma fantasia erótica irresistível com um oficial durante uma viagem deles. Ele passa a imaginá-la com um homem mais atraente que ele próprio. O oficial fora capaz de suscitar o desejo de sua esposa, acima da família e do casamento. E se Alice estivera tão fascinada a ponto de pensar em deixá-lo, talvez ela não o amasse mais e seu casamento estivesse no fim.

Todos esses terrores fantásticos desencadeados pela imaginação do bem-sucedido, mas desumanizado Dr. Harford, precipitam-no na complexidade da vida. Através do escorpião do insucesso, do ciúme e do desamor colocado dentro do centro regulador das suas emoções, libera-se a função da fantasia até então aprisionada pela segurança narcísica defensiva “normopática”. O processo de desenvolvimento de sua personalidade estagnada no sucesso e, apesar de médico, incapaz de perceber o sofrimento da pessoa mais íntima de sua vida, retoma o crescimento em meio à turbulência da insegurança, da dúvida e da ansiedade.

No entanto, isto não acontece numa situação protegida. Pelo contrário. A quebra da defesa narcísica vem pela Sombra, pelo ataque, pela destrutividade. Como freqüentemente acontece na vida, as limitações da personalidade de Bill serão expostas de forma regressiva e dramática, abrindo-o para vivências amplas e profundas. O destino cria uma oportunidade de ele mudar sua vida, de rever seus valores, o casamento, a sociedade e conscientizar-se de outras dimensões da Consciência. Eis aí outra grande mensagem de Kubrick. A primeira mensagem é: vamos sair do individual, onde não estamos conseguindo resolver nossos problemas, e vamos para o social. Dá no que dá.

Marido e mulher voltam muito piores. Ele continua na atitude narcísica, incapaz de amar; ela continua frustrada e incompreendida. Vamos então para a segunda etapa, quando Alice libera a fantasia dentro dele, obrigando-o a ultrapassar o narcisismo, a falsa auto-estima, a pseudo-segurança. A partir desse momento constatamos quão frágil é o sucesso baseado na segurança do *status*, do dinheiro, da beleza física, enfim, de todos os valores mais caros à sociedade dominada pelo materialismo consumista. Tudo isso pode desmoronar ao simples toque de uma fantasia. Kubrick mostra com grande sensibilidade o quanto essa segurança é incompatível com a realidade mais profunda da alma.

O grande marco do filme é mostrar que o desmoronamento psíquico e a regressão de Bill conduzem a uma reativação do que há de mais profundo na alma, do Arquétipo Central, que Erich Neumann designou brilhantemente como centroversão. É por isso que no meio da depressão e desorientação, o jovem médico sente a pujança do Self e da criatividade humana, e parte como peregrino em busca de si mesmo, de valores que transcendem a ideologia do sucesso materialista desumanizado em que vivia.

A primeira etapa desta peregrinação configura-se no encontro com o lado oposto do *status* de vencedor, no contato com o insucesso, representado pelo amigo músico, que não concluíra o curso de Medicina. Nesse processo, seu interesse deixa o hemisfério esquerdo do cérebro – a Medicina, a Ciência –, e toma o caminho da dominância do hemisfério cerebral direito, em direção à Arte e à Música. Comparado com Bill, o caminho do amigo Nick representa o fracasso social. Sua ocupação é tocar piano nas boates da cidade, onde mantém ligações com o *bas-fonds*, com a marginalidade. Apesar do insucesso, seu caminho está associado à Arte e preserva sua sensibilidade, ainda que marginalizada pela sociedade de consumo. Através desse amigo, Harford entra num mundo desconhecido; segue a trilha dos peregrinos, onde sua alma perdida buscará a luz. O filme apresenta uma reformulação existencial, que é também mística na busca de si mesmo e de Deus, da totalidade, da autenticidade e da confiança profunda nos valores da vida. Ele vai buscar-se onde se perdeu, na Sombra, no fundo do inferno, como descreveu São João da Cruz na “noite escura da alma”, ou como viveu Ulisses na ilha da feiticeira Circe, durante sua heróica travessia dos mares, para reencontrar sua amada Perséfone de volta em Ítaca.

A segunda parte do filme mostra a entrada na Sombra do Self Individual de Bill, mas também, e principalmente, na Sombra do Self Cultural da sociedade americana, da sociedade capitalista de consumo. “Fidélío”, do latim *fidele*, é a senha para esta visita ao inferno. Constatamos que aqui, a própria função estruturante da fidelidade está

corrompida, pois representa a submissão a valores corruptos a serviço do mundo do crime, das drogas e da prostituição. A visita ao ritual erótico passa pela estruturação daquilo que Jung chamou de Persona, o papel social que precisa ser incorporado para que a visita à mansão possa acontecer. A busca dessa “máscara” na loja de trajes de fantasia, no entanto, já está dominada pela Sombra, pois o proprietário utiliza perversamente a sua própria filha para atrair e satisfazer os clientes. Isso significa que o traje exigido para a festa já está contaminado pela perversão, isto é, que a própria adaptação à sociedade de consumo inclui a concessão à corrupção.

O que é a perversão da sexualidade? É a sexualidade corrompida, a sexualidade defensiva, que como qualquer outra formação neurótica, resulta da fixação e da deformação da função criativa e normal. Se assim é, podemos dizer que a perversão também está sujeita à fixação e à formação de defesas, como todas as neuroses. E isso foi algo que a Psicanálise negou, ocasionando uma grande confusão na elaboração do conceito de perversão e de neurose. Freud afirmava que a fixação e a formação de defesas eram devidas a um distúrbio do complexo de Édipo, resultando na formação dos sintomas neuróticos. Ele acreditava que a formação da perversão seria anterior à resolução do complexo de Édipo, posto que originada antes dos cinco anos, quando, para ele, o ser humano é um perverso-polimorfo ainda desprovido de superego e de moral.

De acordo com essa formulação, a perversão seria o oposto da neurose, na qual já existe a repressão do Id, acionada pelo superego já estruturado. Isso dificultou a compreensão da perversão, pois colocou a fixação, a formação da Sombra, a formação da patologia e da neurose dentro do âmbito da repressão, dele excluindo a perversão.

Freud também remeteu a formação da perversão adulta exclusivamente à infância pré-edipiana pelo fato de a sexualidade ser nela atuada, o que limitou a compreensão da formação da perversão adulta. Para ele, o sintoma perverso seria um lado da moeda; o sintoma neurótico, o outro. Ora, ao separarmos assim a perversão da neurose deixamos de compreender a psicopatologia como um todo dentro dos fenômenos da fixação e das defesas. Na realidade, na perversão existe um agravamento das defesas neuróticas que se transformam em defesas psicopáticas devido a sua atuação. O que Freud descreveu como repressão pelo superego é a fixação organizadora do Arquétipo Patriarcal. Mas se colocamos perversão e neurose unicamente como dois antípodas dentro da psicopatologia, perdemos sua unificação dentro do todo pelo fato de ambas terem fixação e defesas. Não há dúvida que são duas defesas diferentes. Freud era um grande clínico, dotado de uma função pensamento e de uma função sensação poderosas, um grande observador, um grande neurologista. Só que sua análise é uma análise exclusivamente

polarizada, característica do Arquétipo Patriarcal. A divisão radical entre perversão e neurose oculta o denominador comum que existe entre elas, que são as fixações e as defesas, descritas pelo próprio Freud.

A Psicologia Simbólica considera a perversão uma defesa psicopática, pois envolve também a conduta. Trata-se, por isso, de uma defesa mais grave que a defesa neurótica, mas que não deixa de ser defesa porque também se origina na fixação. O Arquétipo Matriarcal é preponderante na primeira infância, até os três anos de idade, como tão bem descreveu Erich Neumann, mas não se restringe a ela. Perdura ao longo da vida. Isto significa que a perversão poderá surgir durante toda a vida, sempre que houver um distúrbio da elaboração simbólica de dominância matriarcal. Com efeito, a perversão aparece muito na vida dos casais que demonstram uma vivência inadequada do Arquétipo Matriarcal, por falta de abertura e de confiança para continuar desenvolvendo a sensualidade matriarcal na vida adulta através do Arquétipo da Alteridade. É comum ver casais que, para “animar” o matrimônio, começam a abrir o casamento das formas mais variadas. Partem para uma experiência sexual a três, praticam o *swing*, e de inúmeras outras maneiras tornam-se propensos a mergulhar em experiências perversas, defensivas, sombrias. Isso pode surgir no meio da vida e não provir de uma fixação infantil. É um distúrbio oriundo da dificuldade de transcender a dominância do Arquétipo Patriarcal através da maior abrangência do Arquétipo Matriarcal e do Arquétipo da Alteridade, e isso pode acontecer em qualquer momento da vida.

Quando abrimos a personalidade para a definição junguiana de libido, que seria qualquer forma de energia psíquica – agressividade, sexualidade, inveja, ambição, ternura, ciúme, competição –, saímos do reduativismo à sexualidade. Se não considerarmos que a formação do superego, aos cinco anos de idade, é o momento de introdução da moral, e remetermos a moral ao Arquétipo Central da personalidade, chegamos ao conceito de automorfismo, elaborado por Neumann, segundo o qual a personalidade se desenvolve segundo sua base arquetípica. Nesse caso, a moral passa a ser um aspecto inerente ao Arquétipo Central, que opera em função das exigências naturais do desenvolvimento da personalidade. Dentro dessa perspectiva, imoralidade é a incapacidade de ser e o Mal é sempre um pecado contra o desenvolvimento da vida. Nesse sentido, a fixação, descoberta por Freud, seria uma disfunção do desenvolvimento, e não simplesmente uma disfunção do padrão moral do superego. O que determina o Bem e o Mal, de acordo com esta perspectiva, é o desenvolvimento da criatividade ou a fixação do processo de desenvolvimento. Isto é uma transformação radical da concepção

de ética, considerada assim uma função criativa arquetípica dentro do Processo de Individuação, o que Neumann chamou de “nova ética” (Neumann, 1948).

A ética de caráter exclusivamente patriarcal, dogmática e pré-estabelecida, que Neumann chamou de ética tradicional, corresponde à concepção freudiana de ética, resultante da sublimação do Complexo de Édipo reprimido, aos cinco anos de idade, e, portanto, incorporada “de fora para dentro”. Este conceito de ética tem sérias implicações, pois equivale a afirmar que se ninguém vier dizer à criança o que é certo e o que é errado, a criança não desenvolverá nenhum tipo de padrão ético. Para contornar essa limitação e tornar a ética uma função interna hereditária, Freud escreveu *Totem e Tabu*, no qual criou o conceito da culpa oriunda de um parricídio ancestral na horda primeva, culpa essa que os filhos teriam herdado e que atuaria como agente interno repressor do Complexo de Édipo. Nesta hipótese de Freud, o pai da horda primeva queria todas as mulheres para si. Os filhos o assassinaram e, daí em diante, passaram a comê-lo ritualmente no banquete totêmico para incorporar seu espírito e redimir sua culpa. Mas isso é baseado no lamarckismo que a genética moderna não justificou, pois descobriu que não herdamos caracteres adquiridos. Somente herdamos caracteres que sofreram uma mutação. Na sua fantasia de *Totem e Tabu*, Freud infringiu essa lei da genética moderna, ainda pouco desenvolvida em sua época. Podemos cortar o rabo de inúmeras gerações de cachorros e nem por isso seus filhotes nascerão sem rabo. Podemos colocar o alimento da girafa a uma altura cada vez maior e nem por isso seu pescoço alongado pelo esforço de alcançá-lo será transmitido aos seus descendentes. Como bem formularam Dobzhansky e De Vries, somente a mutação traz a transformação da espécie, aliada ao processo de seleção natural pela sobrevivência do mais forte, descoberto por Darwin (Dobzhansky, 1955).

Na Psicologia Simbólica, os conceitos de fixação e defesa foram reformulados. Trata-se de distúrbios da elaboração simbólica em qualquer etapa da vida. A elaboração simbólica ocorre desde o início da vida, portanto a fixação e as defesas também. Elas decorrem da dificuldade existencial de elaborar quaisquer vivências, e não exclusivamente por um distúrbio da repressão do complexo parental mal elaborado. A fixação e a formação de defesas são inerentes ao processo de desenvolvimento caracterizando um distúrbio da elaboração simbólica. Se adotamos essa concepção simbólica, arquetípica e ontológica da fixação e da defesa, reconhecemos que elas podem ocorrer em qualquer momento da vida, até mesmo na fase intra-uterina. Se houver algo que perturbe a noção espaço-temporal do feto, condicionamentos que afetem essa percepção do espaço e do tempo, ou uma anoxia no parto, ou um distúrbio genético, já

ocorre uma fixação, a formação de defesas e, por conseguinte, de Sombra. A perversão é um distúrbio no nível dos sentidos, portanto um distúrbio de dominância matriarcal, que pode ocorrer a qualquer momento da vida, caracterizado principalmente pela disfunção dos instintos da agressividade e da sensualidade. Os distúrbios do instinto agressivo e do instinto sexual fazem com que estes sejam vividos das formas mais bizarras, de acordo com as defesas. Os distúrbios da alimentação, do sono e as adições também são feridas predominantemente matriarcais, disfunções da sensualidade, dos instintos. Portanto, a fixação dos instintos da sexualidade e da agressividade é parte de um leque mais amplo da relação do Arquétipo Matriarcal com o Arquétipo Patriarcal.

Podemos então considerar perversão uma fixação ou um distúrbio da sexualidade ou da agressividade atuadas defensivamente de forma repetitiva, ritualizada e psicopática em função do prazer; considerar bulimia, anorexia ou obesidade quando for um distúrbio alimentar; alcoolismo ou adição a drogas quando se tratar de um distúrbio do consumo de substâncias que alteram a Consciência.... Enfim, um distúrbio de dominância matriarcal, que antigamente era chamado de conversão histérica, passa, no contexto da Psicologia Simbólica, a ser considerado como uma fixação ou distúrbio da elaboração simbólica, de dominância matriarcal. Aí situamos a perversão no Self Cultural. Na realidade, Bill está entrando em uma fixação da elaboração simbólica do Arquétipo Matriarcal dentro da sociedade de consumo capitalista. Aí está a grande Sombra da modernidade: não mais a repressão neurótica do Arquétipo Matriarcal pelo Arquétipo Patriarcal descrito na era vitoriana, mas sim a atuação psicopática perversa do Arquétipo Matriarcal pela manipulação patriarcal capitalista dos valores humanos, subordinados ao lucro na sociedade neoliberal. Basta olhar um *outdoor* com um lindo corpo de mulher seminua, anunciando um produto qualquer de consumo, para constatar a propaganda perversa e sadomasoquista do “livre-mercado”.

Kubrick, que sempre criticou o *establishment*, está denunciando a Sombra da sociedade de consumo. Desde sua juventude, não se submeteu aos canais sociais vigentes. Pouco a pouco, através de um ousado autodidatismo, foi acumulando o conhecimento artístico, técnico e administrativo que lhe permitiram criar livremente sem ter que se submeter e fazer concessões às pressões alienantes dos donos do poder. Assim, sua crítica pôde ser impiedosa, contundente. Por isso não é um simples bordel que ele retrata neste filme, não descreve uma perversão qualquer, mas sim o Mal ritualizado, em toda a sua potência. De forma genial, mostra o culto da Sombra pela elite financeira, que organiza, de forma religiosa, um mundo de depravação. Com efeito, os valores do rito, da religião, da hierarquia e da fidelidade, estão aqui a serviço do vício e de

seus escravos. É como se Kubrick dissesse: – “Abram os olhos, mas não para ver apenas uma “sacanagenzinha” no mundo do narcotráfico. Eu quero mais. Quero que vocês percebam a que ponto as pessoas podem ser fiéis à corrupção; com que religiosidade, com que respeito mafioso à hierarquia elas se vendem ao mundo da perversão”. Em suma, ele retrata a submissão dos maiores valores da Cultura, os valores religiosos e éticos, à máfia da corrupção. Vemos o crime organizado, a sacanagem organizada, as redes... O crime, em sua manifestação mais sofisticada, está organizado em redes extremamente complexas! Mas o fato é que os olhos da Consciência costumam estar bem fechados a essa realidade. Se não somos policiais especializados, pouco sabemos a respeito de tudo isso. E quanto mais um policial sabe a respeito disso, maior é a probabilidade de ser ou já ter sido assassinado. Não temos noção da organização do tráfico de drogas, ou do que é a prostituição internacional, de como as moças são convidadas e levadas para serem modelos em países estrangeiros... Lá chegando, a passagem “oferecida gratuitamente” transforma-se em uma dívida a ser resgatada. E aí, o que acontece? Elas querem escapar. Mas como? Seus passaportes lhes foram retirados. Não têm dinheiro, não têm onde morar, o que comer... Então, submetem-se. Tudo é muito bem organizado! É uma organização fantástica da perversão, aliada ao consumo, aliada ao poder... São as grandes limusines que chegam, e Bill chega de taxi, revelando que é um neófito. Ele tem a senha de entrada, e mais tarde se entrega, pois não sabe que não há uma segunda senha... Dentro da mansão não há mais senhas! Quem consegue entrar é *in*, absolutamente irmão na corrupção e no crime. É o código da máfia, o código a ser usado em meio à elite capitalista, nos corredores do poder... É terrível ver o crime organizado servindo-se assim dos valores mais elevados. E vemos isso dentro da religião: o império construído por seitas religiosas com o dízimo dos miseráveis, ou a tragédia do Banco Ambrosiano, no Vaticano, até hoje não apurada. O que significa isso?

É o que Kubrick mostra nessa noite, que equivale às saturnais ou bacanais da antigüidade, ou, na modernidade, à Noite de Walpurgis, no Fausto de Goethe, ou a Sodoma e Gomorra, na Bíblia... A celebração erótica ocorre aqui através da submissão à Sombra, da utilização dos valores mais elevados, de forma ritualizada, a serviço do Mal: conta com um oficial de cerimônia, uma espécie de sacerdote, como acontecia na missa satânica da Idade Média, na qual o demônio reunia-se com as bruxas, suas concubinas. Num luxuoso bairro residencial de Nova Iorque, a orgia é ritualizada e organizada pela elite do poder econômico, aliada ao tráfico de drogas e à prostituição. Kubrick faz toda a sua crítica às instituições, ao *establishment*... Muita gente não soube o que fazer com essa crítica, muito menos como integrá-la.

Tudo acaba com o corpo de Mandy oferecido em holocausto para salvar Bill. A vítima imolada que evoca a dimensão messiânica do sacrifício pelo amor, lembrando a figura bíblica de Maria Madalena, e que na personagem de Mandy aparece como uma prostituta drogada, cuja morte é tida como algo accidental e inevitável na versão cínica e leviana de Vitor Ziegler, um dos patronos da orgia e um dos muitos a desfrutar dos prazeres sexuais por ela proporcionados. Ziegler tenta diminuir a importância desse gesto de sacrifício da prostituta, sugerindo que isso teria acontecido de qualquer maneira, sendo o fim inevitável de qualquer drogada... Ele se comporta como Pilatos, lavando as mãos e pensando que Jesus é mais um que morre entre os ladrões... "Ele que se entenda com seus compatriotas, e que colha o que semeou. Eu não tenho nada a ver com isso..."

Conclusão

Quando Alice, em suas últimas palavras no filme, enfatiza a necessidade de gratidão pelo fato de os dois terem escapado ilesos de suas aventuras, ela se refere ao perigo de desestruturação que a crise conjugal lhes expusera. Essas vivências constituem, na verdade, parte de um processo muito mais amplo, de centroversão, no qual a interiorização e a subjetividade são ingredientes essenciais. E é exatamente o processo de centroversão ou elaboração simbólica subjetiva das emoções que parece faltar ao Ocidente, implicando num relevante problema cultural. Vivemos predominantemente projetados no mundo externo, e só a introjeção pode contrabalançar esta unilateralidade cultural. A alternância entre projeção e introjeção é o que nos permite a boa elaboração dos fatos e experiências, levando-nos a aprofundar a identidade do Ego e a identidade do Outro. Contudo, parece que restringimos nossa prática da introversão ao confessionário e ao consultório do analista. Com efeito, as últimas cenas do filme demonstram que o casal Harford permanece na projeção, desperdiçando a oportunidade de centroversão, oferecida pela intensidade e originalidade de suas experiências.

Freud descreveu a regressão como um retorno às fixações da libido ocorridas durante o desenvolvimento da personalidade. Erich Neumann, por sua vez, descreve a experiência da centroversão da Consciência em direção ao mundo arquetípico, o que o Oriente faz através da meditação. Neumann afirma que a vivência dos arquétipos constitui, para a Consciência, um processo de centroversão. Podemos então perceber por que a busca de si mesmo, da autenticidade e da profundidade da alma pode levar ao confronto desestabilizador com núcleos fixados na Sombra que podem desestruturar a personalidade.

O encontro com a Sombra desencadeado na vida conjugal do casal Harford leva-os à regressão e ao sofrimento. A regressão, por sua própria natureza, constitui uma abertura para a potencialidade mais ampla da centroversão. Entretanto, esta possibilidade não é vista, nem por Alice, nem por Bill. Como consequência, ambos perdem a oportunidade da intimização, da abertura mútua, através da qual poderiam vivenciar o padrão da alteridade dentro do relacionamento conjugal, revelar um ao outro seus desejos, anseios e reivindicações. Assim como na relação entre povo e governo em uma democracia, um casal necessita de interação dialética em sua convivência amorosa. É esse processo dialético de troca afetiva íntima que não é explorado no filme. O casal inicia sua jornada “de olhos bem fechados”, e chega ao seu final querendo resolver seus conflitos através de uma bela reanimação de sua sexualidade, sem ter aprendido tudo que poderia. “Acho que deveríamos ser gratos por termos escapado ilesos de nossas aventuras”, diz ela. Ora, é da regressão que eles saíram ilesos, e por isso devem, de fato, ser gratos. Bill não morreu, o casal não se separou... Entretanto, o mesmo padrão arquetípico que levou a uma disfunção regressiva poderia ter atingido uma vivência muito maior através da centroversão criativa na vida conjugal.

É difícil dizer se o diretor acreditou que os olhos se abrem no final do filme. Kubrick colaborou na elaboração do roteiro e é possível que, assim como Lowen, criador da bioenergética, tenha considerado a sexualidade como a grande solução para a experiência conjugal. Com efeito, para o fundador da bioenergética, o orgasmo é a essência da sexualidade, e o “bom orgasmo” é a meta a ser alcançada. Entretanto, quando esteve em São Paulo na década de noventa, Lowen não soube responder à pergunta de um colega: “Mas Dr. Lowen, o orgasmo pode ser alcançado com uma simples masturbação. Nesse caso, como fica o amor?”. A bioenergética abordou o sexo em seu aspecto físico e energético – o orgasmo atravessando as couraças, descritas por Reich –, mas não deu a devida importância ao sexo simbólico, representado pelo arquétipo do encontro, do coniunctio vivido na conjugalidade. O fato é que, no Ocidente, o amor permanece uma questão muito mal resolvida, em grande parte pela falta da introversão, cuja prática fica restrita ao consultório e limita-se a fazer emergir a Sombra, equivalendo à regressão descrita por Freud e muito se distanciando da centroversão criativa descrita por Neumann, essencial ao Processo de Individuação concebido por Jung.

A centroversão produtiva necessita da posição dialética da Consciência, característica do Arquétipo da Alteridade. Mas o Ocidente ainda não aprendeu a desapegar-se da dominância do Arquétipo Patriarcal, que estabeleceu historicamente o

poder do homem e a submissão da mulher. Tampouco aprendeu a não ser dominado pelo Arquétipo Matriarcal, que gera a sensualidade que, quando praticada sem limites, entra na promiscuidade. Na alteridade, a pessoa é capaz de amar porque adquire o dom de se entregar a outrem, de revelar quem é, de descrever o que aprova e desaprova em si e, através da compaixão, perguntar ao outro quem ele é, do que gosta e o que reprova em si mesmo. Em suma, a pessoa torna-se capaz de aprofundar a relação com outro ser humano no nível dialético quaternário. Este padrão – que corresponde ao Processo de Individuação descrito por Jung, na relação do Ego com o Arquétipo Central – é difícil de ser praticado na vida conjugal. No âmbito do Self Cultural, ele se expressa pelo padrão democrático de relacionamento. Na dimensão da Arte, pelo processo de criatividade e na Ciência, pela criatividade científica, cuja dialética entre a Consciência e a Sombra manifesta-se através da interação entre a verdade e o erro dentro do método científico.

A conjugalidade exige uma entrega de intimidades livre de estereótipos. Alice está se questionando a respeito da atração que sente por outros homens. Na busca do amor, a atração por outras pessoas continua existindo. Isso é comum e normal, mas não constrói a individualidade profunda que podemos descobrir através do amor.

Bill, por sua vez, nega essa possibilidade: “Não”, diz ele, “eu só vejo a paciente”. Bill entra na posição maniqueísta polarizada: cliente é cliente, esposa é esposa. “Pela cliente eu nada sinto”, afirma ele de forma superficial, idealizada, alienada e rejeitadora para a sensibilidade de Alice e pelo sofrimento e frustrações que vivencia.

No caso de Bill, a Consciência está funcionando na posição polarizada, característica da dominância do Arquétipo Patriarcal que limita muito a imaginação, pois se concentra basicamente em tarefas, desafios e resultados. Ele não vê a totalidade das suas emoções, não está aberto para a totalidade do seu Self, dos seus arquétipos. O Arquétipo Matriarcal expressa exuberantemente o desejo e a imaginação, mas é exatamente esse arquétipo que está muito tolhido na família e na sociedade de consumo, na qual é aviltado pela prostituição mercantilista da busca obsessiva do consumo das novidades e do lucro. O Arquétipo Matriarcal, o arquétipo da sensualidade, está subjugado, manipulado, limitado e mercantilizado pelo Arquétipo Patriarcal, o arquétipo da organização, que cultiva o poder, o *status*, o dinheiro, a classe social. Bill é um homem bem-sucedido dentro desse padrão. Só que isso fica muito aquém do potencial do Processo de Humanização. Alice, por sua vez, está desqualificada pelos moldes do padrão patriarcal na sociedade novaliquina: está “por baixo”, sem emprego, inativa intelectualmente e sustentada pelo marido. Justamente por situar-se nessa posição aparentemente desvantajosa, está aberta para expressar o dinamismo matriarcal ferido,

ainda que o faça histericamente como bruxa, pela Sombra. Apesar de estar ferida e atacar histericamente pela Sombra, de certa forma é ela quem lidera o caminho para um estado mais amplo de Consciência, regido pelo Arquétipo de Alteridade, o arquétipo do encontro criativo das polaridades.

Pergunto-me se Kubrick estava consciente da possibilidade desta etapa mais avançada da experiência conjugal, na qual a abertura dos olhos corresponderia, simbolicamente, à abertura do “terceiro olho”, o olho da dialética que une os opostos, Shiva e Shakti, no interior da relação homem-mulher, da conjunção masculino-feminino, como preconiza a Yoga Kundalini.

Sem dúvida, um dos grandes méritos deste filme é expor a Sombra da sociedade capitalista de consumo dentro do processo de busca de diferenciação dos direitos humanos do homem e da mulher, neles incluindo o amor conjugal. Kubrick mostra à sociedade americana que, em seu seio, o amor pode ser envenenado pela “sacanagem”, pela perversão. A sociedade neoliberal de consumo tem aspectos humanamente perversos que, freqüentemente, levam à distorção sadomasoquista da relação conjugal, quando incitam o homem e a mulher a realizarem-se plenamente apenas com os valores de *status* e da riqueza material. Ao agir assim, o homem também se prostitui e se torna incapaz de amar, incapaz de utilizar a fantasia criativamente, condenado a atuá-la de forma destrutiva. Naturalmente, o passo seguinte seria mostrar que tudo que acontece de forma destrutiva pode acontecer de forma criativa. Kubrick explorou a dimensão freudiana, o inconsciente fixado, a perversão, mas não foi além. A perspectiva arquetípica da individuação do homem e da mulher dentro do casamento introduziria a dimensão criativa e estruturante da Psique. Vamos ao Centro e dele emergimos com um novo padrão de relacionamento social, ultrapassando este estado que atualmente corrompe a sociedade materialista de consumo.

A solução apresentada por Kubrick, no final do filme, é insatisfatória para a evolução dos direitos humanos. O Arquétipo Patriarcal vem cedendo poder ao Arquétipo Matriarcal, liberando a sensualidade, como, por exemplo, o usufruto do orgasmo pela mulher, como Lowen propôs. Mas isso é pouco. A alteridade vai mais longe: preserva as valiosas conquistas do Arquétipo Patriarcal, libera o Arquétipo Matriarcal e, ao mesmo tempo, os ultrapassa. Mantém a identidade, a coerência, a memória, mas enseja a elaboração mais criativa das características patriarcais e da sensualidade matriarcal, por isso, as transcende. O Arquétipo da Alteridade preserva a identidade e as conquistas do homem e da mulher. Caso contrário, se optamos pela pura e simples liberação da sensualidade, caímos na promiscuidade. Se mantemos o patriarcal e sua coerência junto

com o erotismo matriarcal, somos capazes de nos relacionar com outros seres humanos não só através da sensualidade, mas também através da integridade, da coerência e do conhecimento, aprofundando a relação. Essa especificidade é uma qualidade proporcionada pelo Arquétipo Patriarcal. Isso não implica a exclusão do Arquétipo Matriarcal, da sensualidade, da fantasia, do prazer, do lúdico e da espontaneidade. É quando as qualidades do Arquétipo Matriarcal se aliam às características individuais e abstratas de organização e responsabilidade do Arquétipo Patriarcal que podemos avançar e expandir nossa Consciência através do padrão mais abrangente da Alteridade.

A fantasia é uma função estruturante capaz de abrir a Psique para sua dimensão real, cósmica e infinita. Entretanto, seu valor estruturante de transformação da Consciência é muito pouco valorizado no Ocidente. Tomemos o exemplo de Ignácio de Loyola, fundador da Ordem Jesuítica, dentro do misticismo ocidental: a fantasia dirigida era um de seus exercícios espirituais. Porém, quando uma mulher um pouco mais sensual se insinuava em seu imaginário, a imagem era atribuída ao demônio e o exercício espiritual da fantasia era imediatamente interrompido.

A restrição à capacidade imaginativa também é bastante notória em nosso sistema de ensino tradicional, como ilustra o abandono da riquíssima pedagogia imaginativa de Monteiro Lobato. Sua criatividade na construção lúdica dos personagens expressa uma exuberante Pedagogia Simbólica, que está infelizmente esquecida. Preferimos ensinar racionalmente, e depois avaliarmos a aquisição do conhecimento através de um exame. A imaginação não é reconhecida como uma função de grande utilidade social, sendo exercida de forma precária. Se ouvíssemos a imaginação das comunidades de base antes de publicar decretos e leis que regulam suas vidas, certamente o bem-estar da população seria outro.

Toda função assim negligenciada, quando tem a oportunidade de se manifestar, manifesta-se pela Sombra. É o que acontece com o *marketing*. A função estruturante do comércio, que costuma ser muito mais afoita que o ensino e a sociedade, sabe instrumentalizar muito bem o poder latente do imaginário. Coloca-se a imagem de uma mulher seminua ao lado de um produto qualquer de consumo, um carro, uma pasta de dente... E através da imaginação acionada de forma subliminar, aumentam-se as vendas.

Alice se servirá do poder da imaginação, ainda que de forma destrutiva. E Bill, inicialmente, tenta negar este poder, permanecendo na função polarizada da Consciência, cuja dominância pragmática deixa pouco espaço à imaginação criativa. A posição polarizada categorizada é característica do Arquétipo Patriarcal e divide a função estruturante da imaginação no Bem e no Mal. A posição dialética, ao contrário, expressa o

Arquétipo da Alteridade e permite que os opostos oscilem e até troquem de lugar, quanto ao Bem e o Mal, o certo e o errado, o feio e o bonito, o útil e o inútil. E aí as funções estruturantes podem ser vividas em toda a sua complexidade e plenitude. No início do filme, Alice utiliza essa função defensivamente. No final, Bill teria que retomá-la criativamente na convivência do casal. E é nesse ponto que ele estaca, não sabe o que fazer. É claro que o casal tem motivos para agradecer, pois não foram destruídos pelo mergulho na Sombra. O segundo passo seria a abertura de um em relação ao outro, pela imaginação. Poderiam dizer o que gostariam de receber um do outro, do que sentem falta, quais são suas fantasias e desejos. Mas não se trata de alimentar desejos irrealizáveis. Temos a capacidade de fantasiar criativamente, positivamente, de imaginar potencialidades reais, e caminhar em direção a elas. No entanto, ao invés disso eles optam pela antiga fórmula, vamos “transar”. Isso é o que o casamento e a relação homem-mulher vêm fazendo há dez mil anos. É a falta da função imaginativa que torna o casamento entediante, e leva à procura de amantes. Varia-se o *menu*, mas a dieta permanece a mesma. Falta a imaginação criativa que, guiada pelas asas da ternura, vivencia toda a maravilhosa extensão do amor.

Há uma temática comum entre o personagem de Bill Harford em *De Olhos Bem Fechados* e o personagem do computador Hal em *2001, Uma Odisséia no Espaço*, outra obra-prima de Kubrick. Com efeito, no filme *2001*, a luta entre Hal e o comandante da nave se dá porque Hal erra e não admite que errou. Ele parte do pressuposto que a geração dos computadores 9000, a qual pertence, é incapaz de errar. Essa incrível máquina representa magistralmente o perfeccionismo do Arquétipo Patriarcal, que é incapaz de reconhecer e integrar a Sombra, reprimindo-a sempre que a encontra. A guerra entre o comandante e o computador, dentro da espaçonave, só é vencida quando o computador é desligado. O símbolo assim invocado é o do desapego da dominância patriarcal, o que permite a continuidade da viagem rumo a Júpiter, representação da grande viagem da personalidade e do conhecimento. Analogamente, só quando a segurança e a confiança de Bill Harford são desmontadas pela fantasia de Alice é que Bill entra em contato com suas emoções profundas, desapega-se da dominância do poder patriarcal e prossegue sua viagem para a individuação.

Em *2001*, o computador torna-se destrutivo a partir do momento em que se mostra eticamente desprogramado para elaborar seus próprios defeitos na alteridade. Teima em levar a cabo a missão que lhe foi atribuída, sem admitir que é falível. Assim funcionam as defesas individuais: bato em meu filho “para que ele seja bem-educado”, arrumo uma amante “para preservar meu casamento”, e outras pseudojustificativas. Justifico o erro, e

assim deixo de reconhecer a minha falibilidade. Esse era o problema de Bill: o orgulho e a vaidade que impediam sua relação dialética com a Sombra e fixavam o poder do Arquétipo Patriarcal, impossibilitando o desapego à perfeição. Trata-se do velho pecado da soberba, cuja natureza já fora identificada nos exames de Consciência praticados pelos monges cristãos na Idade Média. No caso de Bill, o resultado é um perfeccionismo que só desaba quando Alice desmonta sua defesa narcísica.

Esta mesma limitação se manifesta, atualmente, na sociedade que está dominando o mundo, a sociedade norte-americana. A vaidade e a arrogância do poder freqüentemente lhe tolhem a capacidade de enxergar a própria Sombra. Um país que impõe um embargo econômico para propiciar a democracia... Lança bombas para acabar com uma ditadura... É incapaz de manter a assinatura do Tratado de Kioto e reduzir um pouco a sua taxa já exorbitante de 23% do total mundial de emissões de poluentes... Defende o privilégio de suas patentes para proteger seus lucros, mesmo que isso impeça o tratamento de milhões de doentes aidéticos. Outro exemplo recente desta empáfia foi o fato de o recém-eleito presidente dos Estados Unidos ter necessitado de nada menos do que dez dias para dizer “*I am sorry*” diante da criminosa invasão do espaço aéreo chinês por um avião americano de espionagem. O orgulho e a soberba que podem caracterizar uma posição de comando prepotente e alienada representam um grande obstáculo ao caminho da humanização.

Faltou a Bill e Alice a vivência criativa quaternária, dentro da sensualidade, da ternura, da criatividade individual e do engajamento participativo cultural, da interação recíproca do seu Processo de Individuação através do companheirismo na abertura para a realização e a frustração, para a vida e para a morte, para a finitude e para a eternidade, de tal maneira que seus olhos se abrissem mais profundamente para a capacidade de amar.

Referências Bibliográficas

Byington, Carlos Amadeu Botelho (1982). A Riqueza Simbólica do Futebol. *Revista De Psicologia Atual*. São Paulo: Ed. Spagat, Ano 5, No. 25, Abril, 1982.

_____ (2002). *Inveja Criativa – O Resgate de uma Força Transformadora da Civilização*. São Paulo: W11 Editores, 2002

Byington, Carlos Amadeu Botelho (2004) *A Construção Amorosa do Saber – Fundamento e Finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana*. São Paulo: W11 Editores, 2004.

_____ (2006). “Psicopatologia Simbólica Junguiana”, in SAIZ LAUREIRO, M. (org.) *Psicopatologia Psicodinâmica Simbólico-Arquetípica*. Montevideo: Prensa Médica, 2006, pp. 15-46.

_____ (2008) *A Psicologia Simbólica Junguiana – A viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação*. São Paulo: Linear B Editora, 2008.

Dobzhansky, Theodosius (1955). *Evolution, Genetics, and Man*. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1961.

Neumann, Erich (1948). *A Psicologia Profunda E A Nova Ética*. São Paulo: Paulus, 1991.